



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Como ler mais e melhor

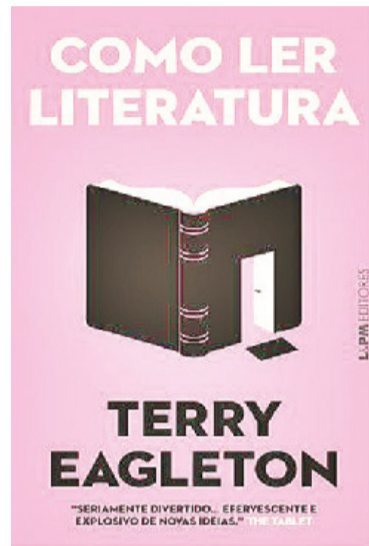
Livros de introdução sobre teoria ou análise literária geralmente cometem o mesmo pecado capital: tentar normatizar e prender numa grade de critérios fixos algo que é de uma riqueza vastíssima, subjetiva e variável. A Literatura é o território da liberdade, de viagens infinitas, como costumam ser as grandes e imortais obras de ficção.

*Como ler literatura* (L&PM Editores, 224 pág, R\$ 56,90), de Terry Eagleton, consagrado professor, teórico, crítico e intelectual britânico, professor de Literatura Inglesa e Escrita Criativa na Universidade de Lancaster, é um divertido guia que ensina a ler mais e melhor, com maior profundidade e prazer, obras literárias. A proposta de Terry é nos aproximar da arte da literatura, coisa que vem sendo perdida. Novos leitores estão mais em busca do entretenimento das histórias do que apreciarem verdadeiramente as qualidades de um texto.

Terry trata a literatura como parte da cultura humana e mostra como devemos atentar para ritmo, sintaxe, alusões, ambiguidade, enredo, narrativa e personagem em obras de grandes autores como Shakespeare, Conrad, Nabokov, J.K. Rowling, Dante Alighieri, Dickens, Jane Austen, Milton e Sófocles.

Eagleton é diferente de muitos outros críticos e acadêmicos e procura não colocar literatura canônica num pedestal inalcançável. Ao contrário, ele lança mão de elementos da cultura popular para melhor expor suas ideias. Sofisticação, maturidade, humor e senso crítico apurado caracterizam a obra, do mesmo autor do clássico moderno *Teoria da Literatura: uma introdução*, originalmente publicado em 1983.

Com a autoridade conquistada por décadas de estudos, pesquisas e ensino e com a experiência da maturidade, Eagleton nos convida a pensar



sobre tempo, tradição, inovação, revolução, involução e nos mostra o que torna uma obra boa, ruim, importante ou indispensável. Terry comenta o classicismo, romantismo, modernismo e pós-modernismo, e escreveu um livro seriamente divertido, com análises incisivas sobre os aspectos essenciais da literatura inteligente.

## e palavras...

### O ABSURDO E O IMPROVÁVEL DO FUTEBOL

Poucos dias nos separaram do começo da Copa do Mundo Fifa 2026, a maior da história, com 48 seleções e 104 jogos nos Estados Unidos, México e Canada. Nossa seleção é a única que participou de todas as Copas, e só ela ganhou cinco títulos. Maior esporte do planeta, o futebol, como disseram, é o esperanto que deu certo, uma linguagem mundial e democrática. A Fifa tem 211 associações nacionais entre suas filiadas. A ONU tem 193 estados-membros. Mesmo sem ganhar desde 2002, com nossos craques indo para o exterior e com todos os problemas conhecidos, somos o País do Futebol. A seleção é (ou deveria ser) a pátria de chuteiras. Polarizados como estamos, somos o País da bola dividida e nem a seleção nos une suficientemente.

*Futebol Lado B - Entre deuses, dribles, ditadores, delírios, o absurdo, o improvável e o genial do esporte mais amado do mundo* (Globo Livros, 312 pág, R\$ 71,15), do jornalista e escritor Ariel Palacios, autor de *América Latina lado B*, mostra histórias bizarras, inusitadas e contexto geopolítico e cultural que compõe o Lado B da bola. Eis o mérito da obra, que foge das estatísticas tradicionais e dos números e tabelas chatos que não tem muito a ver com a loucurada futebolística.

Ariel, com seu humor, talento, pesquisa e linguagem saborosa, reúne crônicas e episódios reais que exploram o lado mais absurdo e curioso do esporte da bola. A goleada de 149 a 0 (e outras seis) registrada em Madagascar, com gols contra marcados para protestar contra a arbitragem; o grito de gol do narrador

romeno de 52 segundos que entrou para o Guinness e guerras, ditaduras, delírios, superstições e como o futebol afeta e é afetado pela humanidade estão nas páginas do volume, que também conta histórias do futebol envolvendo o Papa Francisco, que quando era moço andou batendo uma bola e canonizou afetivamente o Pelé, dizendo que ele era mais do que Maradona e Messi.

Ariel mostra a arqueologia do chute, o futebol antes de ser futebol, um pandemônio ambulante, sem regras. Na era medieval o futebol era um vendaval de socos, chutes e bexigas de porco voadoras. Lá por 1848, em Cambridge, os ingleses, como convém a um Império, iniciaram a diplomacia futebolística.

Os americanos chama o futebol de *soccer*. Ariel traz os termos técnicos mais recentes do esporte como tiki-taka, patada banana, futebol total e *hat-trick* e frases como "jogar sem torcida é como dançar sem música", do Eduardo Galeano, e "o futebol é um jogo simples: 22 pessoas correm atrás de uma bola por noventa minutos e, no final de tudo, vence a Alemanha", de Gary Lineker, ex-jogador inglês.

Clichês de jogadores e treinadores em entrevistas, de narradores e comentaristas, clichês táticos, DNA de times e seleções e lendas do futebol estão na obra, que fala dos gols que nunca foram, de seitas, superstições, heresias e do além. Há capítulos no livro sobre impérios, fronteiras, escanteios e rivalidades geopolítico-futebolísticas, sobre cores, camisas e identidades e curiosidades cromáticas, taça mundial roubada e peculiaridades da Libertadores.

## lançamentos



► **Espeleosofias** (Editora Nós; Edições Sesc, Coleção Filosofia, 96 pág, R\$ 60,00), de Charles Feitosa, Dr. em filosofia pela Universidade de Freiburg (Alemanha) e professor e pesquisador da Unirio, é um ensaio tentando aprimorar a narrativa platônica da alegoria da caverna por meio de diferentes interpretações na filosofia e na cultura pop através da história, sempre tendo os desafios de ensino da filosofia para jovens de todas as idades como pano de fundo.



► **A noite de Baba Yaga** (Estação Liberdade, 166 ág, R\$ 64,00), de Akira Otani, premiada escritora japonesa, romance, mostra a enigmática e poderosa protagonista que foi raptada por membros da Yakuza e forçada a trabalhar para a organização após descobrir o seu ponto fraco e o utilizarem como chantagem. A obra fala de identidade, violência e relações profissionais e pessoais desconstruídas.



► **O Julinho sempre foi notícia** (UFRGS-Colegio Júlio de Castilhos, 66 pág), organizado por Cora Schilling Copstein, Márcia Ivana de Lima e Silva e Neiva Otero Schäffer, fala sobre incêndio do Julinho, Julinho no centro da História (1963-1978), movimento estudantil-68, criação do pioneiro Grupo Ecológico Kaa-eté e Fórum Juliano em defesa da escola pública. João Timótheo Esmerio Machado, Alberto Magno Filgueiras, Mônica Vier Loss, Neiva Otero Schäffer e Lara Maria Silva Rojas escrevem.

## a propósito

Pois é, mesmo com as mudanças na Fifa, iniciadas por nosso conterrâneo João Havelange, que tornaram o futebol atletismo, com menos arte, mais correria, negócio, força física e contratos e patrocínios estranhos, a bola segue nos encantando e servindo de mantra para esquecermos um pouco as mazelas políticas, sociais e econômicas mundiais que nos afligem. O livro do Ariel está com a bola B cheia. Tudo pode acontecer numa partida de futebol. O Brasil pode até ser campeão, se Deus brasileiro quiser e os argentinos, alemães, franceses, espanhóis, ingleses e portugueses deixarem. Lembrando o Celestino Valenzuela... que Lan-ceee-lo-ttiii!

(Jaime Cimenti)